



TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Superior Norte – RS
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
27 de junho a 08 de julho de 2011

CENTRAL DA COPA: INOVANDO O TELEJORNALISMO ESPORTIVO NA TV ABERTA

DANIELA SILVEIRA

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação da Prof^ª. Karen Cristina Kraemer Abreu e avaliação dos seguintes docentes:

Prof^ª. Karen Cristina Kraemer Abreu
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen
Orientadora

Prof. Fabio Silva
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen

Prof^ª. Débora Cristina Lopez
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen

Prof. Luís Fernando Rabello Borges
Universidade Federal de Santa Maria – *campus* Frederico Westphalen
(Suplente)

Frederico Westphalen, 20 de junho de 2011.

Central da Copa: inovando o telejornalismo esportivo na TV aberta

RESUMO

Neste artigo verificamos a possível existência de características de telejornalismo esportivo no programa Central da Copa, transmitido pela Rede Globo de Televisão, a fim de classificá-lo como tal. Para tanto, usamos como base teórica estudos de Silva (2005) para definição dos itens de análise. A partir desse ferramental metodológico, desenvolvemos a análise sob uma edição completa do programa, a cobertura da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da FIFA 2010 no dia 15 de junho, realizada na África do Sul. Concluímos então, que o programa Central da Copa classifica-se como telejornal esportivo e, que possui características que talvez, possam moldar um novo modelo de telejornalismo esportivo: o telejornalismo esportivo de evento.

PALAVRAS-CHAVE: Central da Copa; Copa do Mundo da FIFA 2010; telejornalismo esportivo.

Introdução

O telejornalismo esportivo, atualmente, está em ampla ascensão no mercado jornalístico. Além de receber grande destaque na programação da maioria das grandes emissoras, como a Rede Globo, existe grande demanda de projetos de programas de TV para as emissoras locais¹. Na programação da emissora do Rio de Janeiro, há telejornais de esportes em geral, e também programas voltados apenas para o futebol, como por exemplo, o “Central da Copa”, objeto escolhido para análise neste artigo.

O “Central da Copa” é o único programa veiculado pela Rede Globo de Televisão voltado apenas para a Copa do Mundo. A proposta inicial do programa era acompanhar as transmissões dos jogos da Copa do Mundo da FIFA 2010, ocorrida na África do Sul. À época foi apresentado em três edições diárias: pela manhã, à tarde e em edições especiais após ou durante o Jornal da Globo, acompanhando as transmissões dos jogos da primeira fase daquele evento esportivo². Os horários do programa televisivo eram flexibilizados de acordo com as referidas transmissões dos jogos. Os apresentadores eram Luís Ernesto Lacombe, que conduzia as transmissões matutinas, e Tiago Leifert, que comandava as demais transmissões. Entretanto, atualmente, o Central da Copa, sempre sob o comando de Tiago Leifert, agenda-se

¹ Desde a ampliação dos sinais de TV para os sistemas UHF e Cabo, houve um aumento das emissoras de TV no Brasil e, conseqüentemente, a segmentação do público. Estas emissoras necessitam de programas de televisão para desenvolver sua grade de programação, atendendo demandas locais, regionais e nacionais, em rede ou não. (N. da A.).

² Na segunda fase da Copa do Mundo FIFA, o Central da Copa foi ao ar apenas em duas edições diárias, acompanhando as transmissões dos jogos de futebol do evento. (N. da A.).

através de edições pontuais que acompanham a participação da Seleção Brasileira em jogos amistosos ou em campeonatos específicos que ocorrem na entre-safra da Copa do Mundo FIFA de Futebol, como a Copa América, por exemplo.

Desde sua estreia em 11 de junho, o Central da Copa instigou-nos em relação à sua proposta de apresentação, por isso, além de ser um programa novo no cenário televisivo, consideramos que esse objeto merece ser foco de estudo. O *corpus* escolhido para a análise refere-se à edição da cobertura da estreia da Seleção Brasileira na competição no dia 15 de junho contra a Coreia do Norte, considerando que esta seja uma das edições mais importantes, já que uma das intenções do “Central” é o acompanhamento do Brasil na Copa. A edição tem um total de 44’22” divididos em três blocos. Como o programa tinha flexibilidade nos horários, essa edição foi apresentada antes do Jornal da Globo, em torno de 23h40min do mesmo dia em que ocorreu a partida de futebol.

Pretendemos então, identificar características de telejornalismo esportivo no programa Central da Copa, para averiguar se podemos classificá-lo como programa temático esportivo. Para isso, o ferramental metodológico está baseado em Silva (2005) que utiliza nove operadores para análise: pacto sobre o papel do jornalismo, contexto comunicativo, mediadores, temática, formatos de apresentação da notícia, recursos da linguagem televisiva, recursos a serviço do jornalismo, texto verbal e a relação com as fontes. Porém, vimos a necessidade de adaptar alguns, assim como a inserção de outros. A análise então será realizada a partir de sete itens de análise ou características de telejornalismo esportivo. São eles: mediadores, recursos da linguagem televisiva, utilização de recursos tecnológicos, informalidade e linguagem verbal, diálogo, formatos de apresentação da informação e interatividade. A pesquisa caracteriza-se como estudo qualitativo de caso que, segundo Rauen (2002, p. 58) “é uma análise profunda e exaustiva de um ou de poucos objetos, de modo a permitir o seu amplo e detalhado conhecimento”.

Rauen (2002, p. 210) ainda diz que “o estudo de caso acontece quando se analisa algo que tem valor em si mesmo e o alvo são as características que o caso tem de único, singular ou particular. Mesmo que existam casos similares, um caso é distinto e, por isso, causa interesse próprio”.

Na primeira seção encontramos um panorama geral sobre televisão, telejornalismo e esporte no Brasil, utilizando como referências autores como Rezende (2000), Mello (2009), Silva; Marchi Júnior (2009), Silva (2005), entre outros. Após, partimos para a descrição do objeto seguida da análise do *corpus* e, por fim, as considerações sobre a pesquisa.

1 A Televisão e o Telejornalismo no Brasil

A televisão conquistou o público desde a sua primeira transmissão. O espetáculo da imagem foi ganhando os lares dos brasileiros. A sincronia entre imagem e som encantava o país. Essa fascinação advém do próprio meio televisivo, como explica Rezende (2000, p.31):

Essa ação hipnótica exercida pela TV pode fazer com que um telespectador, inicialmente com a intenção de ver só um programa determinado, passe toda uma tarde ligado em um fluxo de imagens de gêneros de programas diferentes. A sensação de encantamento despertada pela experiência visual seria, por si, suficientemente compulsiva para mantê-lo preso diante do televisor.

Hoje, a televisão está presente em 98% dos lares brasileiros segundo Carvalho *et al.* (2010, p.24), abrangendo o país de ponta a ponta. Além de liderar o *ranking* do meio de comunicação preferido pelos brasileiros, é considerado o de maior credibilidade³. Essa hegemonia perante os outros meios é explicada por Ramonet (*apud* MELLO, 2009): “se a televisão assim se impôs, foi não só porque ela apresenta um espetáculo, mas também porque ela se tornou um meio de informação mais rápido [...] tecnologicamente apta, desde o fim dos anos 80, a transmitir imagens instantaneamente, à velocidade da luz”.

O gênero televisivo é o elemento chave no processo de recepção entre o produto televisivo e o consumidor, nesse caso, o telespectador. Como afirma Silva (2005) é através do reconhecimento do gênero que o telespectador acompanha o fluxo da programação televisiva, posicionando-se de maneira diferenciada de acordo com o que lhe está sendo proposto. Vários são os autores e as classificações adotadas para definição dos gêneros televisivos. Estabelecemos aqui a categorização proposta por Silva (2005) em cinco tipos de gêneros: programas jornalísticos, programas de auditório, ficção seriada, publicidade e *reality shows*. Além dessa classificação, encontramos subgêneros em programas jornalísticos, tais como telejornal, programa de entrevista, documentário jornalístico e programa de jornalismo temático⁴.

Os telejornais estão presentes na grade de programação de todas as emissoras de TV aberta brasileira em cumprimento ao Decreto-Lei 52.795 de 31 de outubro de 1963, o qual trata dos serviços de radiodifusão. De acordo com o referido, pelo menos 5% da programação deve ser informativa (CURADO, 2002).

Assim, os noticiários passaram a fazer parte do dia a dia da população e, conseqüentemente, tiveram que se adequar aos avanços tecnológicos, principalmente pelo

³ Pesquisa divulgada no *site* da entidade Meta Pesquisas, encomendada em 2009 pela Secretaria de Comunicação (SECOM). Disponível em: < http://www.metapesquisa.com.br/?canal=6_detalhe&cod=6>. Acesso em: 24 abr. 2011.

⁴ Programa telejornalístico temático ou específico é, segundo Silva (2005), um telejornal que possui sua atenção voltada para apenas uma esfera social.

crecente uso da Internet, que possibilita informação instantânea a todo o momento, e também, as exigências do público alvo a fim de criar uma audiência fidedigna.

Para estar sempre na frente e acompanhar de perto os acontecimentos de impacto nas sociedades, os telejornais mudaram e exigiram das emissoras o investimento em equipamentos de última geração e a contratação de profissionais qualificados. Na velocidade das mudanças na história e na tecnologia, os profissionais do telejornalismo precisam caminhar rápido para não perder de vista as novas tendências dos meios de comunicação de massa (MELLO, 2009).

O conteúdo de um noticiário pode ser de cunho político, religioso, econômico, esportivo, educativo etc., em âmbito local, nacional e, até mesmo, mundial, desde que seja relevante⁵ para a população. Têm o compromisso com a verdade, com a imparcialidade e com a realidade, onde são construídos entre a narrativa e o acontecimento aliado ao audiovisual, chamado de “espetáculo da atualidade”. Para Becker (2005, p.5), uma das particularidades da linguagem nos noticiários é “garantir a verdade ao conteúdo do discurso e também a própria credibilidade do enunciador. Os textos provocam efeitos de realidade e se confundem com o real porque os personagens são reais e os fatos sociais são a ‘matéria-prima’ da produção”.

Com a consolidação do telejornal como um programa pertencente à grade de programação da televisão brasileira na década de 1960, o país passou por um avanço tecnológico que permitiu a criação de programas jornalísticos diferenciados, originando assim, o telejornalismo temático ou especializado. No programa temático é possível o tratamento de uma só esfera em tempo integral. A exemplo disso, estreia em 1980 pela Rede Globo, o primeiro programa temático brasileiro: *Globo Rural*. O telejornal, que está no ar até hoje, trata de assuntos direcionados à agropecuária.

Nessa linha, com a possibilidade de um tratamento especial, viu-se a necessidade de criação do telejornalismo esportivo como variação dentro dos programas especializados. A primeira tentativa bem sucedida foi o documentário *O Canal 100* (CAMARGO *apud* SILVA, 2005). O esporte é um assunto que merece uma atenção especial na maneira de informar, pois é gerador de opinião, de interesse coletivo e pode suscitar debates sociais.

Abordados assuntos referentes ao telejornalismo e ao telejornalismo no Brasil, trataremos na próxima seção sobre telejornalismo e esporte, referenciando a construção de um campo específico dentro da temática telejornalismo.

⁵ Conforme Wolf (apud PÁDUA, 2010) relevância é um dos critérios de noticiabilidade. Para ser notícia, precisa ser relevante, de interesse público, que tenha a significância de gerar debates entre a população.

1.1 Telejornalismo e esporte

O telejornalismo esportivo⁶ usufrui de bastante espaço e recebe destaque na programação televisiva brasileira. O esporte é considerado um produto de consumo e a televisão apropria-se dele e de suas possibilidades para noticiar e tornar interessante todo conteúdo relacionado ao assunto (SILVA; MARCHI JÚNIOR, 2009).

No século XIX, registra-se a vinda de empresas britânicas para o desenvolvimento das ferrovias em São Paulo. O engenheiro escocês, John Miller⁷, transferiu-se para o Brasil vinculado à *São Paulo Railway*, onde conheceria Carlota Alexandrina Fox, brasileira filha de ingleses. Segundo Enock (*apud* GUTERMAN, 2009, p. 15) “São Paulo recebeu ingleses das classes média e alta, gente ‘com os bolsos recheados de moedas de prata’, em busca de ‘grandes empreendimentos’ e com ‘um certo padrão de educação’ ”.

A primeira partida de futebol que se tem registro ocorre em 1895 entre Charles Miller e os operários ingleses da Companhia do Gás, *The Team of Gaz Company*, contra a equipe da *São Paulo Railway*. Aos poucos, o futebol foi despertando o interesse dos brasileiros que foram criando clubes para a prática do esporte, pois nos clubes de origem inglesa os brasileiros não eram aceitos⁸.

Em 1925, o Brasil já estava tomado pelo futebol. Entretanto, foi apenas em 1950 que a primeira reportagem filmada para a televisão vai ao ar, durante o jogo entre Portuguesa de Desportos e São Paulo, considerada o ponto de partida das transmissões esportivas na televisão brasileira (CAMARGO; GONÇALVES, 2005).

Naquela época, a televisão não conseguia cobrir todos os eventos esportivos devido às baixas condições tecnológicas. As câmeras eram pesadas e não tinham mobilidade suficiente para acompanhar os movimentos dos jogadores. Além do mais, a população brasileira tinha preferência em acompanhar as transmissões de eventos esportivos pelo rádio⁹, devido à emoção que o locutor transmitia aos ouvintes na maneira de narrar um jogo:

Vibrante, polêmico. Assim começou, já no início dos anos 30 o rádio esportivo e suas coberturas jornalísticas. Difícil imaginar o futebol sem rádio. Ou o rádio sem o futebol. Paixão antiga, recíproca. Ambos cresceram paralelamente no gosto popular latino-americano: nasceram voltados para a elite, mas acabaram mesmo é fazendo a alegria da galera popular (ARRUDA, 2002, p.22).

⁶ Cabe lembrar que o jornalismo esportivo teve seus primeiros registros no *Le Sport*, jornal popular da França no século XIX (COELHO, 2004).

⁷ Pai de Charles Miller, o precursor do futebol no Brasil.

⁸ Conforme Guterman (2009) na Inglaterra o futebol era um esporte para operários, jogado em lugares públicos. No Brasil, era considerado um esporte elitista e a participação de negros nas equipes não era permitida.

⁹ Nos dias de hoje, muitos torcedores levam seus rádios portáteis para acompanhar a mediação da partida no estádio, mesmo acompanhando o jogo presencialmente. (N. da A.).

Atualmente, não mais restrito ao estúdio e com maior liberdade, o telejornalismo esportivo utiliza uma linguagem própria, descontraída, voltada apenas à esfera “esporte” em todos os seus ângulos: desde a preparação de um atleta para uma competição importante até às leis de incentivo a atividades físicas. A composição de um programa esportivo não é tão formal quanto os telejornais informativos: é feito de forma despojada, com ou sem a presença física de uma bancada, o apresentador pode circular livremente pelo set de gravação. As matérias ganham efeitos nas imagens, caracterizando a informalidade no tratamento da notícia, que parece ser apreciada pelo público.

Uma fusão entre jornalismo e televisão que possui uma forma própria de informar. Ao mesmo tempo em que agrupa fontes, notícias e seleciona conteúdos, como o jornalismo, o telejornalismo esportivo detém algumas especificidades que outros gêneros de jornalismo não podem recorrer, como um arquivo de imagens ou a técnica de mediação orientada por um profissional que não somente transmite a mensagem, mas algumas vezes oferece uma leitura da notícia (SILVA;MARCHI JÚNIOR, 2009).

Outra particularidade fundamental no jornalismo esportivo é a emoção. As notícias são transmitidas junto com as imagens a fim de emocionar o amante do esporte. Ela é responsável por sustentar a mensagem e a audiência do telespectador. Belardin (2009, s/n) afirma que “o esporte passou a ser uma língua que permite aproximar a população através da paixão. O homem permitiu que o esporte fizesse parte da sua cultura e a mídia passou a se relacionar com essa linguagem que cativa às [sic] pessoas”.

A cobertura jornalística abrange todos os esportes. Porém, o grande destaque de todo esse espetáculo do esporte televisivo é a “paixão nacional”, o futebol. Ele é priorizado por ser o esporte mais popular, conseqüentemente, por ter maior audiência¹⁰ no Brasil.

1.1.1 Características do Telejornalismo Esportivo

Para alguns autores há uma linha tênue entre jornalismo esportivo e entretenimento, uma vez que a abordagem do tema esporte parece ser feita de maneira “agradável e divertida”. Porém, a classificação do programa esportivo como subgênero de programas jornalísticos se dá pela aproximação de características entre eles (SILVA, 2005).

Segundo Camargo (*apud* SILVA, 2005) a esfera esporte encontra-se em quatro dimensões: esporte-educação; esporte-performance; esporte-participação e esporte-espetáculo.

¹⁰ Percebe-se isso pelas coberturas de eventos como o Campeonato Brasileiro, Campeonatos Estaduais, Copa Libertadores da América, Copa Sul-Americana, Copa do Mundo da FIFA etc., realizada pela grande maioria das emissoras, com destaque à Rede Globo e à Rede Bandeirantes no cenário de emissoras de TV aberta e ESPN e SporTV, na TV por assinatura.

- a) Esporte-educação: esporte como participante na formação do indivíduo, preparando-o para a cidadania;
- b) Esporte-performance: aquele que visa a competição;
- c) Esporte-participação: esporte como diversão com jogos e brincadeiras;
- d) Esporte-espetáculo: esporte associado aos meios de comunicação de massa.

Sobre este, a autora ainda afirma que

O esporte, como um dos fenômenos mais populares da atualidade, tem se associado cada vez mais aos *media* e principalmente à televisão. O relacionamento estreito entre o esporte e a televisão pode ser visto, por exemplo, no horário dos jogos esportivos, que acontecem para se encaixar à programação da emissora que os transmitem (CAMARGO *apud* SILVA, 2005, p.155).

Desta maneira, podemos encontrar no telejornalismo esportivo algumas características específicas que, talvez em outros de telejornais temáticos, não seriam cabíveis. São elas: mediadores, recursos da linguagem televisiva, utilização de recursos tecnológicos, informalidade e linguagem verbal, diálogo, formatos de apresentação da informação e interatividade.

Um programa telejornalístico conta com inúmeros processos de eleição de conteúdos e direcionamentos, dentre eles podemos apontar a pauta, a produção e a edição, por exemplo. Entretanto, tais etapas não são visíveis ao espectador. Cada produto televisivo mostra ao seu público, segundo Hartley (*apud* SILVA, 2005, p.39) três vozes: o apresentador, o repórter e o comentarista, que assumem o papel de mediadores entre os conteúdos do próprio programa televisual e o público espectador.

O papel do apresentador em qualquer telejornal é fundamental. Ele é o responsável por transmitir a credibilidade, é a ligação entre as notícias e o telespectador. O apresentador pode colocar suas próprias características, como expressões, gestos e linguagem verbal. São elas que identificam o lugar que ele ocupa dentro de um telejornal (SILVA, 2005).

Para Verón (*apud* SILVA, 2005, p.134) há dois tipos de apresentadores: o ventríloquo e o moderno. O ventríloquo tem contato com a audiência apenas pelo olhar. São estáticos e sem expressão gestual e corporal. Já os modernos e aqui, geralmente, enquadram-se os apresentadores de telejornalismo esportivo, fazem uso de muitos gestos e expressões, tanto corporais como faciais, têm mais liberdade na transmissão da informação e são explorados pelos enquadramentos de câmeras e cenário. No telejornalismo esportivo da atualidade no Brasil, temos encontrado de um a dois profissionais que assumem a função de apresentadores nos programas televisivos.

Sobre o repórter, sua função é de relatar os acontecimentos do local onde ocorre o fato, garantindo a ubiquidade da notícia. Para Silva (2005, p.41) “o papel do repórter ganhou tanta importância que alguns programas destacam sua participação na cobertura dizendo seu nome na “cabeça” das matérias [...] além de associar a presença de certos repórteres a determinados assuntos”. Desta maneira, surgem os repórteres setoristas, ou seja, repórteres especializados em uma área específica, como corrobora Squirra:

Se tornou freqüente a presença de repórteres setoristas dentro do telejornalismo. Este tem sido um caminho seguido pelas emissoras, já que o público passou a identificá-los com certos tipos de matérias e eles se tornaram confiáveis para tratar de assunto específico (*apud* SILVA, 2005, p.41).

Assim, há presença de repórteres especializados em esporte, que já são conhecidos e cativaram a confiança do público para abordar sobre o assunto, alguns até são marcados pelo acompanhamento de times determinados.

Já, a presença de comentarista em um telejornal esportivo dividindo o espaço com o apresentador é recorrente. Este o indaga sobre questões esportivas. Sua função é instruir, fazer uma avaliação e emitir juízo de valor sobre algum assunto (SILVA, 2005).

Podemos notar a existência de diferentes tipos de comentaristas esportivos, cada qual designado para certa área do esporte e, desta maneira, adquirindo credibilidade perante os telespectadores. Podemos encontrar comentaristas de arbitragem, de técnica, de desempenho entre outros que, geralmente, já foram atletas ou árbitros profissionais. Muitas vezes o telespectador já tem um conhecimento prévio de como foi a partida, já sabe dos resultados e até mesmo a assistiu, porém, procura no programa esportivo, exatamente a posição do comentarista especializado, para formar ou ampliar sua opinião.

Também, é relevante observar os recursos da linguagem televisiva utilizados, como a composição do cenário, de que maneira os programas aliam o texto verbal e a imagem com a utilização de recursos gráficos e recursos sonoros e, por fim, através dos movimentos de câmera e enquadramentos, analisar a tentativa de estabelecer uma aproximação com o público. Para Silva (2005, p.48) é “por meio do enquadramento e movimentos de câmera, os programas estabelecem contato com os telespectadores”. Os enquadramentos perceptíveis em um telejornal esportivo são, grosso modo, *close up*, enquadramentos médios e enquadramentos distantes. Os *close ups* significam intimidade ou modo pessoal, enquadramentos médios um modo social e enquadramentos distantes, um modo impessoal (CHANDLER *apud* SILVA, 2005, p.48). Quanto mais próximo o plano, mais emocional. Quanto mais distante o plano for, mais localizador ele será.

O cenário do telejornal pode conter ou não uma bancada, isso depende do tom de informalidade do programa. Geralmente, quando há presença de comentaristas e convidados, há cadeiras ou poltronas para recebê-los, próximas à bancada do apresentador. Podem aparecer também cenários feitos por computação gráfica e set de gravações que mostrem, ao fundo, a redação do telejornal. O tamanho do set de gravação de gravação pode refletir também nas possibilidades de enquadramentos e movimentos de câmeras.

Ao verificar a aplicação dos recursos gráficos e sonoros é importante ressaltar que a utilização destes “não está relacionada ao melhor esclarecimento das notícias, mas em torná-las mais agradáveis e fornecer um padrão estético mais apurado” (SILVA, 2005, p.128). Os recursos podem ser infográficos, quadros com estatísticas, quadros específicos dentro do programa, presença de música e efeitos sonoros como a criação de vinhetas especiais para tratar determinados assuntos.

Os recursos tecnológicos mais utilizados num telejornal esportivo são a apresentação ao vivo dos programas, edições de imagens, infográficos, vinhetas, telões, cenários virtuais, telões com a tecnologia *touch screen*¹¹, interatividade através de redes sociais e telefone entre outros. Todos esses recursos, além de melhorar a qualidade da informação e das imagens, servem para mostrar ao telespectador o poderio técnico da emissora e o investimento no jornalismo (SILVA, 2005).

No telejornalismo esportivo as imagens têm um poder fundamental. É através das imagens e edições das mesmas que ocorre todo o espetáculo esportivo, desde a comemoração de um torcedor pela conquista do seu time até o choro de um atleta lesionado, por exemplo. A utilização de imagens também é essencialmente importante na hora de discutir sobre lances polêmicos, podendo utilizar o recurso da câmera lenta e dos simuladores, os populares tira-teimas.

Além disso, para ajudar no desempenho dos apresentadores diante da informação, há o uso do *teleprompter* e do ponto eletrônico. Segundo Curado (2002, p.55) o *teleprompter* “é um equipamento ótico que reproduz a folha do *script*¹², em tamanho maior, diante da lente da câmera e permite ao apresentador ler sem desviar os olhos da objetiva”. Já o ponto eletrônico, ainda conforme a autora, é um fone encaixado no ouvido do apresentador no qual o editor-chefe pode se comunicar diretamente com o ele.

¹¹ Touch Screen (também conhecido no Brasil como tela sensível ao toque) é um tipo de tela presente em diferentes equipamentos, sensível a toque e que por isso dispensa o uso de equipamentos como teclados e mouses. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/177-o-que-e-touch-screen-htm>>. Acesso em: 13 mai. 2011.

¹² “*Script* [sic] é o nome dado à lauda, eletrônica ou de papel, utilizada na produção audiovisual, em especial no telejornalismo” (ABREU, 2010, p.2).

Outra característica que aparece em grande número em um telejornal esportivo é a informalidade e a linguagem verbal dos mediadores. Podemos encontrá-la através do uso da linguagem simples, coloquial, acessível para todos os graus de escolaridade e de classes. É permitido no campo esportivo, o uso de gírias e jargões, assim também, como o humor, elementos que não estariam em consonância com a produção jornalística em outras áreas ou em outros telejornais temáticos. Muitos programas esportivos utilizam-se desses recursos para trazer o telespectador mais próximo, acreditando assim, tornar a notícia mais leve e agradável.

A informalidade pode estar presente até mesmo no visual estético do apresentador, ou seja, no figurino utilizado. Não caberia a um telejornal esportivo o uso de terno e gravata, por exemplo. Em geral, a equipe esportiva usa um uniforme padrão estabelecido pela emissora, normalmente, composta por camisa polo e jaqueta.

A disposição do cenário e do apresentador no set de gravação também é feita de maneira informal. Ele pode ficar circulando pelo set de gravação e não é necessário obrigatoriamente posicionar-se atrás de uma bancada, o que traria aspectos mais formais.

Em relação à proximidade, também podemos observar a maneira de tratamento dos componentes de um telejornal esportivo após a apresentação formal: no decorrer do programa, mediadores são chamados, na maioria das vezes, apenas pelo nome que são popularmente conhecidos, seja ele o prenome, sobrenome ou apelido.

Outro indicativo de proximidade é trazer, além dos comentaristas oficiais, convidados da área esportiva para o programa como atletas, técnicos, médicos, jornalistas de outros telejornais esportivos etc. Silva (2005, p.72) afirma que as falas são autorizadas, pois “apresentam um caráter testemunhal de quem participa ou participou das atividades esportivas diretamente”.

Outra característica marcante no telejornalismo esportivo é o diálogo. O diálogo pode estar em entrevistas, mesas redondas, relação público/apresentador-comentarista etc. Sua intenção é ouvir e debater opiniões distintas presentes no programa a fim de sintetizá-las e levar uma conclusão ao público.

Em relação aos formatos de apresentação da notícia, utilizamos como base a categorização proposta por Rezende (2000) em seis tipos¹³: nota simples, nota coberta,

¹³ Segundo Rezende (2000) nota simples é o relato sintético de um fato sem a utilização de imagens; nota coberta é a narração em *off* com imagens do acontecimento; notícia é o relato mais completo que a nota, combinando apresentação ao vivo e narração em *off* com imagens; reportagem é o aprofundamento da notícia; entrevista é o diálogo que o apresentador tem com o entrevistado e indicador é matéria de utilidade para o telespectador, como jornalismo de serviço.

notícia, reportagem, entrevista e indicador. Já Silva (2005) percebe a presença de outros formatos jornalísticos além dos propostos por Rezende, como a chamada¹⁴ e o *stand up*¹⁵.

Em programas esportivos há a possibilidade de criação de novos formatos de tratamento da informação no telejornalismo, como a nota ilustrada. A nota ilustrada percebe-se na grande maioria dos telejornais esportivos e da atualidade. Este é o “formato que consta em uma narração de um texto por um repórter enquanto são mostradas imagens que não são as do acontecimento narrado” (SILVA, 2005, p.44). Aproxima-se do formato da nota coberta, exceto pelo texto ser narrado pelo repórter (e não pelo apresentador do programa) e as imagens não corresponderem diretamente ao que está sendo narrado. É utilizada para apresentar a notícia quando a emissora não possui imagens do fato, seja por questões econômicas ou técnicas. Para ilustrar uma nota, é possível que a produção valha-se de recursos tecnológicos.

O último item de análise é interatividade, que segundo Saraiva Junior (2007) é a consequência da digitalização dos meios e da implantação de redes de comunicação, surgindo como uma necessidade de adaptação dos tradicionais meios de comunicação de massa, sendo cada vez mais empregada na nova realidade informacional. Apesar da afirmação do autor, sabe-se que a nova realidade informacional foi potencializada pelos novos meios de comunicação e pelas possibilidades da convergência entre os mídias antigos e os novos.

A interatividade pode aparecer de diversas formas para Bardoel e Deuze (*apud* PALACIOS, 2003, p.3) como “pela troca de e-mails [...] através da disponibilização da opinião dos leitores, como é feito em *sites* que abrigam fóruns de discussões, através de *chats* com jornalistas, etc.”.

Graças a interatividade presente num telejornal esportivo cria-se um efeito de público participante que faz parecer que a audiência passou a fazer parte da produção jornalística sugerindo pautas, comentando as jogadas, encaminhando perguntas aos apresentadores e convidados e, em alguns casos, é possível até mesmo a entrada ao vivo do telespectador através de uma ligação por telefone ou celular, ou, ainda, enviando ou postando vídeos ou, ainda, através da participação por meio das redes sociais. O espaço destinado à interatividade dentro de um programa esportivo pode ser em consequência do apelo (chamamento) que o próprio apresentador faz para que os telespectadores interajam através dos canais de comunicação citados acima.

¹⁴ Pode aparecer ao final de cada bloco para atrair a atenção do telespectador para um assunto que será tratado no programa, ou em qualquer momento da exibição para atrair o telespectador para outro programa da emissora (SILVA, 2005, p.43).

¹⁵ Boletim do repórter podendo ser ao vivo ou gravado no local do acontecimento (SILVA, 2005, p.43).

Explanadas as características de telejornalismo esportivo ou itens de análise, partimos para a descrição do objeto na próxima seção.

2 Central Da Copa – O olhar da Rede Globo sobre a Copa

O programa Central da Copa trouxe uma mistura perceptível de informação, de humor, de entretenimento e de descontração. Teve sua estreia em 11 de junho de 2010, antes do jogo de abertura da Copa do Mundo da FIFA 2010 entre África do Sul e México. Sua transmissão ocorreu direto do Rio de Janeiro e foi exibido durante toda a Copa do Mundo da FIFA 2010, indo ao ar em três edições diárias na primeira fase: uma pela manhã, outra à tarde e a última à noite, dentro do Jornal da Globo (JG). Na segunda fase, o programa era transmitido em duas edições devido ao acompanhamento dos jogos naquela etapa. Em dias de jogos da Seleção Brasileira, o programa estendia-se, permanecendo no ar por, aproximadamente, uma hora. Os apresentadores eram Luís Ernesto Lacombe e Tiago Leifert.

Lacombe, apresentador e repórter da emissora, era responsável pela apresentação do “Central” pela parte da manhã, na primeira fase da Copa. Já, Tiago Leifert, apresentador e editor-chefe do Globo Esporte – São Paulo, apresentava a edição da tarde e a noite dentro do JG. Os dois apresentadores tinham maneiras distintas de conduzir o programa. Lacombe era mais sério e contido; Tiago, descontraído e brincalhão. Em entrevista para o *site* Estadão¹⁶, Tiago Leifert disse ter abolido o uso do *teleprompter* em busca da informalidade no programa “que tanto fascina o telespectador”, usando apenas o ponto eletrônico, que proporciona maior mobilidade.

Em relação à presença de plateia no set de gravação, nessa mesma entrevista, Tiago diz que o público estará lá para representar o sentimento de todos os brasileiros em relação à atuação da Seleção Brasileira na Copa: “se o povo estiver gostando, não tem porquê falar mal. Se não gostarem, temos que falar isso. Vai ter público no set de gravação exatamente pra isso”.

Já sobre interatividade, Tiago fala ao Estadão:

Vamos receber muitos vídeos de YouTube, mas pouca coisa vai emplacar. O bom é que como nunca houve uma Copa com tanto acesso a informação, qualquer briga, assalto, desabamento a gente vai ver porque alguém vai gravar. Fora isso, teremos as ferramentas participativas, o *Twitter* e o *skype*. O *Twitter* é extremamente útil porque se você cria um e-mail, as pessoas se sentem obrigadas a escrever teses de doutorado e não dá tempo. No *Twitter*, é só ‘gostei’, ‘não gostei’, ‘o melhor em campo foi tal’. O endereço já está criado: [@centraldacopa](https://twitter.com/centraldacopa).

¹⁶ Entrevista na íntegra disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,globo-escala-nativa-da-web-para-copa-do-Twitter,557802,0.htm>>. Acesso em: 17 mai. 2011.

O formato do programa instigou o dinamismo e a criatividade dos apresentadores. Em algumas edições, trouxe a presença da plateia e convidados especiais, além da participação do público pela Internet. Não havia bancada, os apresentadores caminhavam livremente pelo set de gravação. A presença de equipamentos com tecnologia de ponta voltadas à TV foi predominante no set de gravação e, em um vídeo disponibilizado no *site* do Globo Esporte antes da estreia do programa¹⁷, há informações sobre alguns equipamentos técnicos que foram utilizados, como quatro câmeras HD (*High Definition*) e duas telas sensíveis ao toque (*touch screen*) onde são projetados dados sobre a Copa do Mundo, tendo uma delas área de 5m². Ainda nesse vídeo, Leifert diz que nas telas sensíveis ao toque há acesso a banco de dados com tudo o que o apresentador precisa para comandar o programa na hora, sem planejamentos ou reuniões de pauta.

A proposta inicial do Central da Copa era a cobertura do evento e o acompanhamento da Seleção Brasileira. Porém, o programa se mantém no ar¹⁸, mas a apresentação fica apenas com Tiago Leifert.

3 Análise

A edição do programa Central da Copa escolhida para essa análise (Anexo 35), como anunciado, é a da cobertura da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da FIFA 2010 ocorrida em 15 de junho, na África do Sul.

Após a vinheta do programa, inicia-se uma edição de sons e imagens referentes ao jogo com duração de 1'06", com cenas aéreas do estádio (Anexo 1), do deslocamento do ônibus oficial da Seleção pelas ruas de Johannesburgo (Johannesburg) (Anexo 2), torcedores (Anexo 3), desembarque dos jogadores (Anexo 4), vestiário com os uniformes (Anexo 5), a taça (Anexo 6), jogadores no aquecimento (Anexo 7), entrada oficial dos dois times (Brasil e Coreia do Norte) (Anexo 8), o estádio visto de cima com uma sequência de imagens de aproximação (Anexo 9 e 10), os jogadores em posição para a execução do Hino Nacional Brasileiro (Anexo 11). Enquanto há execução do Hino, são mostradas imagens do técnico da Seleção, Dunga, (Anexo 12) da imprensa junto ao técnico da Seleção Brasileira (Anexo 13), do sorteio feito pelo árbitro para início da partida (Anexo 14) e em seguida a união e o cumprimento dos jogadores reunidos no campo (Anexo 15), o início da partida (Anexo 16), a

¹⁷ Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/central-da-copa-mande-mensagens-videos-e-perguntas-sobre-o-mundial.html>>. Acesso em: 17 mai. 2011.

¹⁸ Até hoje em edições esporádicas quando são realizados amistosos da Seleção Brasileira, com o mesmo formato. (N. da A.).

imagem de um torcedor como se estivesse comemorando (Anexo 17) e o término do Hino acompanhado com a tradicional vinheta “Brasil-Sil-Sil”, feita por Edmo Zerife, em 1968.

Observa-se que essa edição de imagens e sons serviu para localizar o telespectador, mostrando que o Central da Copa seria, naquela edição, dedicado à estreia da Seleção Brasileira na Copa. Logo após, entra ao vivo Thiago Leifert, apresentador do programa, diretamente do set de gravação da Rede Globo, no Rio de Janeiro.

3.1 Mediadores

Logo de início podemos notar a presença do apresentador (Anexo 18). Thiago Leifert, 31 anos, aparece cumprimentando a todos e anunciando:

- “Começou a Copa do Mundo para a Seleção Brasileira. Começou a Central da Copa pra vocês”. – apontando agora para o público presente no set de gravação.

Podemos perceber já na sua primeira manifestação certa informalidade e tentativa de aproximação com o público ali presente que, ao ser chamado por ele, manifesta-se com gritos e palmas.

Dentre as classificações de apresentadores propostas por Verón (*apud* SILVA, 2005, p. 43) fica evidente que o apresentador Leifert do “Central” é moderno. Ele gesticula, interage e caminha no meio da plateia (Anexo 19), cumprimenta os presentes com certo grau de intimidade.

Tiago Leifert põe suas próprias características ao apresentar o programa: ele o leva de forma leve e descontraída, faz com que todos que estejam ali, “pareçam estar em casa”, diverte ao mesmo tempo em que está apresentando, o programa mistura humor a informação, faz algumas brincadeiras, como logo no começo do programa que, ao ouvir o som de vuvuzelas (um tipo de corneta que foi popularizada na Copa da África pelo barulho sempre presente nos jogos), brinca com a plateia:

-“É, hoje nós não vamos escapar delas, as vuvuzelas. Elas estão entre nós. Aliás, gostaria de já, só mostrar que estrategicamente a gente posicionou o argentino na frente das vuvuzelas. É importante” – fazendo alusão à rivalidade entre as seleções de Brasil e Argentina e ao barulho peculiar do instrumento muito próximo aos ouvidos do argentino ali presente.

Tiago apresenta os convidados, que segundo Hartley (*apud* SILVA, 2005, p.43), não entram na classificação proposta por ele sobre mediadores (apresentador, repórter e comentarista): Cris Dias, Luciano Huck e José Roberto Prado Jr. (Apêndice A).

E, chegamos finalmente, ao outro mediador: Caio Ribeiro (Anexo 20), comentarista oficial do Central da Copa. Caio Ribeiro enquadra-se no padrão de comentaristas explanado

por Silva (2005): ele já foi jogador, tem o papel no “Central” de instruir, fazer comentários sobre os jogos e, também, sobre a arbitragem, emite um juízo e uma conclusão para o público. Podemos notar isso quando indagado por Tiago sobre a possível conquista do hexacampeonato pela Seleção:

-“Vai ser sofrido, mas tudo o que é difícil é mais gostoso, não é? Acho que a gente tem uma Seleção de muita transpiração e pouca inspiração, mas é capaz de trazer esse hexa mesmo suado. Se preparem para sofrer, mas vamos ser otimistas que vai melhorar”. Notamos no comentário de Caio Ribeiro uma dose de humor e de aconselhamento para os telespectadores quando diz “se preparem para sofrer”.

Outro comentarista e, portanto, mediador, é o Walter Casagrande Junior. Apesar de não estar ao vivo no programa assim como Caio Ribeiro, ele é chamado para dar um parecer sobre o jogo num quadro que parece ser criado exatamente para isso: “Fala Casão”. Casagrande já foi jogador de futebol e, atualmente, é um dos comentaristas esportivos da Rede Globo.

A figura do outro mediador vem com uma entrada gravada de Galvão Bueno, a partir do estádio Ellis Park, na África do Sul, chamando Glenda Koslowski que estava em um estúdio montado para entrevistas. Galvão nesse caso serviu como ponte entre o Central da Copa e a participação da repórter Glenda.

Como comenta Silva (2005) o repórter tem a função de estar no local onde ocorreu o fato para transmitir os fatos de onde eles efetivamente ocorrem, gerando credibilidade junto ao telespectador. Dessa maneira, Glenda apresenta-se com o jogador Elano (Anexo 21), direto do set de gravação montado no estádio Ellis Park. A repórter é conhecida nacional e mundialmente como jornalista esportiva, setorista ou especializada. Foi enviada pela Rede Globo para a África do Sul para fazer a cobertura do evento. Já apresentou diversos programas e atualmente apresenta o Globo Esporte, programa esportivo dominical da mesma emissora.

Outro mediador que se faz presente é mais um repórter da Globo. Felipe Diniz, após Tiago Leifert apresentar a “cabeça” da matéria falando sobre o jogador Paulo Henrique Ganso, que não foi convocado para jogar a Copa, aparece em São Paulo para realizar a matéria sobre o jogador. Felipe, assim como Glenda, também é um repórter setorista na área esportiva.

A equipe de reportagem da Rede Globo na cobertura da Copa contou com um grande número de repórteres. Muitos deles, além de Felipe e Glenda, tiveram participação no “Central”. É o caso de Pedro Bassan, que nessa edição fez uma matéria sobre o protetor de

ouvidos por causa do barulho causado pelas vuvuzelas; Mauro Júnior, que é chamado ao vivo no programa para explicar sobre uma bola feita com material extraído de uma árvore do cerrado e, na sequência, entra uma matéria sobre esse assunto do próprio repórter e, para completar a equipe de repórteres, é transmitida uma matéria sobre o que acontece em um *call center telemarketing* durante uma partida da Seleção Brasileira, feita pelo repórter Ivan Moré.

Portanto, temos como mediadores nessa edição responsáveis pela mediação entre as vozes do programa e a audiência são: o apresentador Tiago Leifert, os comentaristas Caio Ribeiro e Walter Casagrande e os repórteres Glenda Koslowski, Felipe Diniz, Pedro Bassan, Mauro Júnior e Ivan Moré.

3.2 Recursos da Linguagem Televisiva

Segundo o vídeo divulgado pela Rede Globo antes da estreia do Central da Copa, a emissora reuniu equipes de engenharia, informática, arte e cenografia para levar ao ar um programa diferenciado dos demais, com o que tem de última tecnologia. Isso também se reflete no cenário montado para o programa.

3.2.1 Cenário

Grande parte do cenário é construída conforme a logomarca do programa na figura geométrica de um pentágono: o palco, o degrau para subir no praticável (Anexo 22) e as paredes estampadas. No palco notam-se três monitores, a mesa de acrílico com a tecnologia *touch screen*, apelidada pelos apresentadores de “laptotem” (Anexo 23), contendo todas as informações sobre todos os jogos e curiosidades e uma tela de 5m² também sensível ao toque, na qual é possível visualizar as mesmas informações da mesa de acrílico (Anexo 24).

No restante do cenário há *puffs* hexagonais brancos para acomodar até 60 pessoas (Anexo 25) localizados sobre um desnível no chão, conforme a entrevista concedida pelo apresentador Tiago Leifert para o Estadão. Para os convidados e comentarista, não há uma cadeira ou poltrona especial: sentam-se nos *puffs* da frente ou no praticável. Não há uma bancada e nem lugar próprio para o apresentador acomodar-se, ele fica circulando pelo set de gravação ou senta-se no chão do praticável, construindo uma informalidade peculiar ao programa.

O tamanho do cenário permite um dinamismo no manejo das câmeras. Eles têm a disposição um equipamento que os apresentadores e a produção chamam por “girafa” que na linguagem da televisão é conhecido por grua. Na sua extremidade, está posicionada uma câmera. Com a grua é possível realizar movimentos que câmeras comuns sem esse suporte

não conseguiriam, como o deslocamento do chão até uma altura de 9 metros ou mais¹⁹. Assim, podemos ter uma visão panorâmica de todo o set de gravação como na sequência de imagens em Anexo (29, 30 e 31). Além, é claro, de outras câmeras comuns empunhadas por profissionais que circulam pelo set de gravação ou fixadas em tripés.

Por ter presença de plateia no programa, o enquadramento mais utilizado é o distante. Porém, acreditamos não ser de forma impessoal e, sim, para dar a noção de totalidade. O enquadramento médio também é frequentemente utilizado, principalmente, nos diálogos (Anexo 32). Já, os enquadramentos de *close up* foram pouco recorrentes e apenas em reportagens ou edição de imagens.

3.2.2 Recursos gráficos e sonoros

Encontramos na edição analisada a utilização de alguns recursos tanto gráficos quanto sonoros. O uso de infográficos (Anexo 26) é bastante recorrente: são utilizados para mostrar as tabelas de jogos, classificação, mapas etc., e, conseqüentemente, deixam a apresentação esteticamente mais agradável. São utilizados também para facilitar a compreensão do público.

Outro recurso que identificamos na edição analisada foi um quadro criado especialmente para o comentarista Casagrande. O quadro chama-se “Fala Casão” (Anexo 27) e é acompanhado pela vinheta do programa.

Percebemos o uso de músicas e trilhas não só nas edições de imagens e reportagens: também são usadas em alguns trechos do programa, o que o torna, de certa forma, mais “leve” e dinâmico, como se a trilha marcasse o ritmo da conversa que, naquele momento, estava acontecendo. Algumas pessoas na plateia tinham instrumentos musicais de percussão e de sopro e os tocavam, geralmente, na entrada de um novo bloco ou no encerramento (Anexo 28).

3.3 Utilização de Recursos Tecnológicos

A Rede Globo mostra seu poderio técnico no Central da Copa de diversas maneiras, começando pela transmissão ao vivo do programa. Além disso, investe na qualidade das imagens, que para um programa esportivo, é fundamental. São as imagens que transmitem emoção para o telespectador, que o “prendem em frente à TV”, mantendo assim a audiência. As imagens recebem um tratamento através de edição e, assim como a descrita no início dessa análise, a edição de imagens com trilhas é recorrente no programa. Percebemos também, o

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cybercollege.com/port/typ017-2.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

uso de imagem em câmera lenta para explicação de lances, como por exemplo, na abordagem da lesão de Drogba, jogador da Costa do Marfim.

Outro recurso tecnológico presente é o uso de infografias, com tabelas dos jogos, classificação, além de encontrarmos nessa edição um infográfico que apresenta uma espécie de raio-X do braço do jogador Drogba (Anexo 33), mostrando a lesão que está sendo comentada pelo apresentador e pelo fisioterapeuta convidado. Essas infografias são projetadas pelo “laptotem” e, conseqüentemente, aparecem no telão *touch screen* que se localiza no palco.

A mesa acrílica e a tela de 5m² sensíveis ao toque são tecnologias inovadoras na apresentação de um programa esportivo da emissora. O apresentador tem todo o banco de dados referente à Copa do Mundo, desde vídeos, localização dos estádios à comentários dos telespectadores.

Como já dito na descrição do programa Central da Copa, Tiago Leifert não faz uso do *teleprompter*. Porém, usa o ponto eletrônico para que a equipe de produção comunique-se com ele, o que ele chama de “voz da consciência”. O ponto eletrônico fornece maior mobilidade maior, talvez seja por isso a opção de usá-lo ao invés do *teleprompter*. Percebemos a comunicação através do “ponto” quando Tiago conversa com a produção:

-“Temos um lance maravilhoso: o goleiro da Nova Zelândia extremamente habilidoso. A gente tem isso aí pronto, ‘voz da consciência?’”.

3.4 Informalidade e Linguagem Verbal

Durante todo o programa a linguagem verbal foi usada de maneira simples e informal, tanto pelo apresentador, que várias vezes fez brincadeiras com todos que estavam presentes no set de gravação, quanto pelos convidados, comentarista e repórteres. Porém, notamos a presença de humor, gírias, jargões e expressões, principalmente, nas falas do apresentador, Tiago, do comentarista, Caio, e de um dos convidados, Luciano Huck.

Tiago e Caio comentam os gols do Brasil usando o vocabulário próprio do futebol (Apêndice B).

Em alguns momentos, notamos também a presença do humor:

-“Todos os jogadores da Coreia têm nome de pomada, parece né?”- Luciano Huck sobre a Seleção da Coreia do Norte.

Percebemos a descontração no set de gravação além das brincadeiras de Tiago com os participantes presentes, também, com Luciano Huck, apresentador do Caldeirão do Huck que tem um quadro em seu programa chamado “Soletrando”. Tiago chama o apresentador para

soletrar o nome dos jogadores da Coreia, que vira motivo de muitas risadas no set de gravação pelo tamanho da dificuldade em soletrar tais nomes em outro idioma. Outro momento assim é quando o repórter Mauro Júnior é chamado no set de gravação. O repórter mostra a bola para Tiago que, sem hesitar, ensaia umas “embaixadinhas” entre comentários feitos pelo próprio apresentador como “sou muito bom, o problema é a bola”.

Outro fator claro de informalidade é a disposição do cenário sem uma bancada tradicional e a presença de plateia. Para eles, são disponibilizadas vuvuzelas, que são tocadas durante quase todo o programa. Sem ter uma bancada, o apresentador Tiago circula pelo set de gravação ou senta-se no chão do praticável assim como o comentarista Caio Ribeiro (Anexo 22).

Destaca-se também, a informalidade presente no figurino dos componentes do programa: Tiago Leifert usa o uniforme tradicional com a marca da Rede Globo feito para a cobertura de eventos esportivos (camisa, jaqueta, calça jeans e tênis), assim como todos os repórteres, Caio Ribeiro e a convidada Cris Dias, pois a mesma é apresentadora esportiva da emissora também.

Em relação à proximidade, notamos momentos com essa ocorrência: primeiramente pela presença de convidados e, em segundo lugar, pela maneira como o apresentador refere-se a eles depois das apresentações formais - chama Caio Ribeiro de “monstro” logo no começo do programa e, durante, chama-o pelo primeiro nome apenas, da mesma maneira acontece com Luciano Huck. O apresentador também refere-se à Galvão Bueno apenas por “Galvão”, Glenda Koslowski apenas por “Glenda” e assim, acontece com quase todos os outros convidados. Em relação à plateia, Tiago tenta essa proximidade caminhando entre eles, interagindo, conversando com alguns, apelida outros, como por exemplo, o “argentino” fazendo referência ao torcedor argentino presente no set de gravação, e “Dexter” fazendo alusão a um personagem de um seriado norte-americano, com o qual o homem presente no set de gravação se parece.

3.5 Diálogo

É perceptível que a base do programa é construída de diálogos. Seja do apresentador com o comentarista, dos convidados com o apresentador etc. Abaixo exemplo de diálogo ocorrido no programa Central da Copa:

-“Se assustou um pouquinho?” – Tiago para Luciano sobre o gol da Coreia do Norte.

-“Mas desse jogo, Tiago, eu acho que foi bom pra ficar esperto, não foi Caio? Esse gol no final...” – Luciano responde indagando Caio Ribeiro.

-“Foi para a estreia, né, Luciano? Estreia você sempre tem aquele friozinho na barriga, você nunca consegue render ao máximo. O importante é vencer, mesmo que seja sofrido, mesmo que não tenha sido o esperado porque a vantagem de gols, o critério de saldo de gols, pode fazer a diferença no final”.

Portanto, nessa conversa entre três “personagens” do “Central” notamos uma das funções do diálogo: chegar a uma determinada conclusão para levá-la ao público.

Os diálogos do Central da Copa envolvem mediadores, comentaristas e plateia. Esses tipos de diálogos são recorrentes no programa (Apêndice C).

3.6 Formatos de Apresentação da Informação

Dos formatos propostos por Rezende (2000) foram identificados na edição analisada do “Central”: presença de nota coberta, entrevista, reportagem e indicador. Já, nos citados por Silva (2005), encontramos a chamada de blocos. Porém, nosso objetivo não é aprofundarmos esses formatos, porque presume-se que para ser classificado como um telejornal esportivo, um programa obedeça a presença de pelo menos alguns desses formatos, já que eles são modos de tratamento da informação.

Nosso objetivo em relação aos formatos de apresentação, então, é identificar um novo formato denominado por Silva (2005) como nota ilustrada que, segundo a autora se faz presente em grande número nos telejornais esportivos. A nota ilustrada é quando há narração pelo repórter (não pelo apresentador) de um fato e as imagens usadas são meramente ilustrativas. As imagens não são do evento que está sendo abordado, são imagens que se relacionam ao acontecimento de forma mais distante ou imagens de arquivo. Entretanto, não detectamos a presença de nenhuma nota ilustrada na edição analisada.

3.7 Interatividade

Podemos observar que a interatividade aparece de diferentes maneiras no programa: a presença de plateia é uma delas. O número de pessoas presentes, por menor que seja, simula uma representação de uma amostra da população brasileira. Percebemos que essa interatividade com o público que está ali ocorre durante todo o programa: Tiago os cumprimenta, brinca com alguns, pede a opinião para outros e caminha entre eles. É uma maneira de fazer com quem está em casa, sintá-se ali no programa.

Outra maneira de interatividade ocorre através do próprio *site* da emissora. Tiago chama o público para participar ao mostrar um comentário que um telespectador enviou (Anexo 34):

-“Aliás, a gente tem uma pergunta pela Internet, vocês mandam perguntas através do Globoesporte.com. Tem lá agora, se você entrar na página lá, tem como mandar uma perguntinha para a gente”.

Em relação ao uso de redes sociais, Tiago comenta sobre as manifestações do *Twitter* quando fala da campanha “Cala Boca Galvão”. Após explicar a campanha, o apresentador se despede do programa dizendo:

-“Queria agradecer demais a presença de vocês, vamos salvar o Galvão, pessoal, vamos todo mundo *twittar*: Cala Boca Galvão!”.

São diferentes estratégias de interatividade que atraem o público do programa Central da Copa, seja pela presença no set de gravação, seja através das manifestações nas redes sociais.

4 Considerações

Neste artigo procuramos, primeiramente, fazer um panorama geral sobre telejornalismo e telejornalismo esportivo, trazendo características e conceitos. Seguimos a categorização proposta por Silva (2005) que classifica telejornalismo esportivo como subgênero de programas jornalísticos e, em seguida, utilizamos a mesma autora como base para os nossos itens de análise. Esses itens de análise nada mais são do que as características de telejornalismo esportivo. Com isso, procuramos encontrar essas características inclusas no nosso objeto, o programa Central da Copa, a fim de verificar se é possível classificá-lo como telejornalismo esportivo.

Os itens de análise utilizados são: mediadores, recursos da linguagem televisiva, utilização de recursos tecnológicos, informalidade e linguagem verbal, diálogo, formatos de apresentação da informação e interatividade. Pudemos notar através desses itens que o programa Central da Copa engloba características suficientes para ser considerado um telejornal esportivo, o único contraponto é que não encontramos a nota ilustrada, que é um novo formato de tratamento da informação recorrente em telejornalismo esportivo.

Apesar de atender ao formato de telejornal esportivo, por apresentar as diversas características que o enquadram neste estilo, percebemos o aprimoramento de alguns desses elementos e a inclusão de novos recursos e, então, verificamos a possível tendência para um novo modelo de telejornalismo esportivo no século XXI. Diversas inferências nos levam a essa consideração: a aposta em um apresentador aparentemente jovem e dinâmico, o uso de diferentes recursos na linguagem televisiva, a presença de público no set de gravação, a não

utilização do *teleprompter* e por ser um telejornal esportivo criado para a cobertura de um único evento.

Sobre o apresentador Tiago Leifert, a Rede Globo, que já conhecia a atuação profissional do jornalista no Globo Esporte São Paulo, investiu na sua aparente jovialidade e o colocou à frente de um programa em rede nacional e com a responsabilidade de comandar a transmissão do esporte-espetáculo do maior evento esportivo do planeta: a Copa do Mundo. O Central da Copa estava destinado a apresentar lances dos jogos do evento, comentários e reportagens para os brasileiros, em língua nacional, em qualquer lugar do mundo, através do sinal da Rede Globo no Brasil, da Globo Internacional ou, ainda, via web. Grande parte do dinamismo do programa é reflexo da postura do apresentador. Mesmo sendo característica de um telejornal esportivo, o apresentador consegue trazer ao programa uma informalidade peculiar, misturando humor e informação.

As inovações apresentadas pelo Central da Copa, durante as transmissões da Copa do Mundo da FIFA 2010 na África do Sul, alteram as diretrizes dos programas esportivos de televisão ao alterar os tradicionais modos de apresentar as informações e de construir relações com a audiência.

Mudam-se os hábitos, mudam-se também as formas de pensarmos, criarmos e disponibilizarmos informações para nosso público. Entender esse novo momento e criar maneiras de atrair a atenção do leitor, ouvinte e telespectador é o desafio que se coloca para quem já está no mercado e para aqueles que estão começando a jornada profissional. (CARVALHO ET AL, 2010, p. 25).

Já, sobre os recursos da linguagem televisiva, o “Central” adapta-se ao avanço tecnológico, que de um modo geral, as emissoras de TV, tiveram e ainda tem de se adaptar para conseguir manter a audiência, principalmente, pelo uso crescente da Internet que possibilita o acesso rápido a qualquer informação. Isso se reflete tanto na estrutura no cenário, com equipamentos de tecnologia de ponta, telas sensíveis ao toque, câmeras de alta definição, grua etc., quanto nos recursos gráficos e sonoros, vê-se a presença de edições de imagem e áudios e, ainda infográficos. Há reflexo das novas práticas e dos usos tecnológicos, também, na plástica visual fornecida pelos enquadramentos e movimentos de câmera. Essa necessidade de mudança é explicada por Carvalho *et al* (2010, p.24):

É preciso entender que o público mudou, está mudando e vai mudar cada vez mais rápido, principalmente porque nunca houve tanta informação disponível. A ruptura de tempo e espaço provocada pela digitalização alterou hábitos e essa equação se retroalimenta constantemente.

A presença de uma numerosa plateia é outro diferencial do telejornal esportivo, no cenário da TV aberta no Brasil. Essa característica parece ter funcionado no “Central” e,

aparentemente, ajuda a manter o dinamismo do programa. No set de gravação, em torno de sessenta pessoas ocupam as banquetas brancas hexagonais, que remetem ao gomo das bolas de futebol e ao ambicionado hexacampeonato da Seleção Brasileira. É esse o principal público que interage com os mediadores do programa estabelecendo uma relação indireta com os telespectadores, que, segundo as informações disponibilizadas por Tiago Leifert²⁰, sentem-se representados por essa amostra.

O programa Central da Copa, da Rede Globo de Televisão, anuncia-se em vídeo institucional disponibilizado pela própria emissora, como um programa com espaço para improvisado, sem reuniões de pauta e sem um *script* preestabelecido; Tiago Leifert não usa o *teleprompter*. Porém, cientes de como é o funcionamento de um telejornal e que o esporte é um evento pré-agendado, que possibilita uma preparação prévia para transmissão do programa ao vivo, acreditamos que essa “impressão de liberdade” seja falsa, e quebrada pelo uso do ponto eletrônico, pelo qual a produção pode redirecionar os rumos do programa, a qualquer tempo, fazendo intervenções.

O grande diferencial do programa Central da Copa está no formato de cobertura que ele se propõe a fazer. Os telejornais esportivos de TV aberta fazem a cobertura de vários eventos, sejam campeonatos de futebol, sejam competições de atletismo, ou de outros esportes de equipe como basquetebol, voleibol ou futsal, ou, ainda, automobilismo, por exemplo. Porém, nenhum outro programa de televisão aberta no Brasil, até então, havia sido criado para transmitir apenas a cobertura de um único evento como fez o “Central”, pensado exatamente para a Copa do Mundo da FIFA 2010. Portanto, podemos supor que há um afinamento: se para Silva (2005) os telejornais esportivos são subgêneros de programas jornalísticos, podemos refletir então, que o Central da Copa, seja ainda um subgênero dos telejornais esportivos, moldando, talvez, uma nova perspectiva de formato, o telejornal esportivo de evento, neste caso, atuando na cobertura de eventos que contem com a participação da Seleção Brasileira de Futebol. O telejornalismo esportivo de evento seria responsável por programas transmitidos voltados apenas a um evento, assim como o Central da Copa, diferenciando-se dos demais programas de telejornalismo esportivo comprometidos com a cobertura de todos os esportes e eventos em um programa.

Apesar de não ser objetivo deste trabalho, e por não dispor de um tempo maior para pesquisar, é válido apontar essas características que colaborariam para futuras possíveis pesquisas na área de telejornalismo esportivo. Talvez essas características citadas como

²⁰ Essa informação foi disponibilizada pelo jornalista em entrevista ao *site* do Estadão. (N. da A.).

diferenciais no programa Central da Copa, tenham sido responsáveis pelo seu aparente sucesso²¹ e, podem ser um dos motivos pelo qual o “Central” continua no ar em edições esporádicas validadas pelos amistosos e por outras competições da Seleção Brasileira. Acreditamos que a intenção da Rede Globo de Televisão seja mantê-lo até a Copa do Mundo da FIFA 2014 a se realizar no Rio de Janeiro, acompanhando tudo o que acontece com a equipe brasileira e a cobertura dos jogos em que ela participará como forma de torná-lo o programa referência da cobertura da próxima Copa. Ainda no rastro do “Central” produzido pela emissora do Rio de Janeiro percebemos a produção de outro programa de telejornalismo esportivo criado após o Central da Copa, que ocupa as madrugadas das sextas-feiras intitulado Corujão do Esporte, apresentado pelo ex-jogador de voleibol Tande (Alexandre Samuel) e que procura utilizar-se das mesmas características daquele apresentado por Tiago Leifert.

REFERÊNCIAS

ABREU, Karen Cristina Kraemer. **Script**: a organização da produção audiovisual. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. s/i, p. 01-25, 2010.

ARRUDA, José Luiz Pereira. **Comunicação, Esportes e Negócios**: a comunicação como bola na rede do negócio chamado futebol. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2002.

AUDIÊNCIA MUNDO TV! – CENTRAL DA COPA, COM TIAGO LEIFERT, REGISTRA BOA AUDIÊNCIA. 2011. Disponível em: < <http://audienciamundotv.wordpress.com/2010/06/14/central-da-copa-com-tiago-leifert-registra-boa-audiencia/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

BECKER, Beatriz. **Telejornalismo de qualidade**: um conceito em construção. Galáxia (PUCSP), v. 10, p. 51-63, 2005.

BELARDIN, Ariane Altarugio. **Globo Esporte**: jornalismo e entretenimento. In: SIMPÓSIO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO, 7., 2009, Piracicaba. **Anais...**Piracicaba: MOSTRA ACADÊMICA UNIMEP, 2009. s/n.

CAMARGO, Vera Regina Toledo; GONÇALVES, Micheli Cristina de Andrade. **A memória da imprensa esportiva no Brasil**: a história (re) contada através da literatura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

²¹ Segundo informações do site Audiência Mundo TV!, o programa televisivo Central da Copa atingia 15 pontos com picos de 18 pontos de audiência, em junho de 2010. Ainda segundo o *site*, cada ponto de audiência corresponde a 60 mil pessoas. (N. da A.). Disponível em: < <http://audienciamundotv.wordpress.com/2010/06/14/central-da-copa-com-tiago-leifert-registra-boa-audiencia/>>. Acesso em: 15 abr. 2011.

CARVALHO, Alexandre; *et al.* **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar.** São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo.** São Paulo: Contexto, 2ªed., 2004.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo.** São Paulo: Alegro, 2002.

ESTADÃO – GLOBO ESCALA NATIVA DA WEB PARA COPA DO TWITTER. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,globo-escala-nativa-da-web-para-copa-do-Twitter,557802,0.htm>>. Acesso em: 17 mai. 2011.

GLOBO ESPORTE – CENTRAL DA COPA: MANDE MENSAGENS, VÍDEOS E PERGUNTAS SOBRE O MUNDIAL. 2011. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/central-da-copa-mande-mensagens-videos-e-perguntas-sobre-o-mundial.html>>. Acesso em: 17 mai. 2011.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história de maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2009.

MELLO, Jaciara. **Telejornalismo no Brasil.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. s/i, p. 01–11, 2009.

META - PESQUISA MOSTRA QUE 46,1% DA POPULAÇÃO LÊ JORNAL. 2011. Disponível em: <http://www.metapesquisa.com.br/?canal=6_detalhe&cod=6>. Acesso em: 24 abr. 2011.

PÁDUA, Fernanda de Souza. **A TV universitária: uma análise de conteúdo do telejornal circuito UFMG.** Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/49497770/5/Criterios-de-noticiabilidade>>. Acesso em: 05 de abr. 2011.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória.** Disponível em:< <http://pt.scribd.com/doc/6606957/Marcos-Palacios-Ruptura-Continuidade-e-Potencializacao-No-Jornalismo-Online-Ok>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

PRODUÇÃO DE TV – CÂMERAS. 2011. Disponível em: <<http://www.cybercollege.com/port/tpv017-2.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de Investigação Científica.** Tubarão: Unisul, 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** 2 ed. São Paulo: Summus, 2000.

SARAIVA JUNIOR, Silvio. **A interatividade nos programas esportivos da Rede Bandeirante Televisão**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R02_1.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2011.

SILVA, Camile Luciane da; MARCHI JÚNIOR, W. . **Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o telejornalismo esportivo**. Razón y Palabra, v. 69, p. 1-18, 2009.

SILVA, Fernanda Mauricio da. **Dos telejornais aos programas esportivos: gêneros televisivos e modos de endereçamento**. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.

TECMUNDO – O QUE É TOUCH SCREEN?. 2011. Disponível em:<<http://www.tecmundo.com.br/177-o-que-e-touch-screen-.htm>>. Acesso em: 13 mai. 2011.

Apêndice A

Apresentação dos convidados por Tiago Leifert

-“Cris Dias, do Esporte Espetacular, que é a mulher mais inteligente da redação, a Cris por que ela escolheu um Tiago para a vida dela” – referindo-se ao marido da apresentadora, que tem o mesmo nome que o dele.

Logo após chama outro convidado:

-“Luciano Huck, que honra enorme recebê-lo aqui” – dando um abraço amigável no outro apresentador global.

Então, apresenta o fisioterapeuta convidado desta edição, José Roberto Prado Jr. que, no decorrer do programa, falou sobre a lesão de Drogba (jogador da Costa do Marfim) e de Kaká (jogador do Brasil).

Apêndice B

Tiago Leifert e Caio Ribeiro ao comentar sobre os gols da Seleção Brasileira

-“Primeiro gol numa ultrapassagem do Maicon, muita gente falou “olha, ele tentou cruzar”, não! Tentou chutar, pegou de *trivela*. Gol bonito, gol inteligente do Maicon!”.

-“E ai a gente conseguiu fazer dois a zero numa bola espetacular do Robinho atravessada lá da diagonal pro Elano, que já sabia até o que fazer, *bater cruzado*”.

Assim como Tiago, Caio Ribeiro também faz uso de jargões:

-“[...] quando nós, o Brasil, tem que ditar o ritmo, a gente tem um pouco mais de dificuldade. Quando tem espaço para o *contra-ataque* [...]”.

Apêndice C

Exemplo de diálogo

No diálogo abaixo, Tiago interage com a plateia pedindo opinião sobre a atuação do jogador Kaká:

-“Queria ouvir alguém da plateia. Alguém aqui se preocupou demais com o Kaká ou acha que *tá* tudo bem? O Kaká *tá* parado há muito tempo...Quem tem uma opinião sobre o Kaká?”

-“Você já veio aqui várias vezes, né? Tudo bem? Você *tá* boa?” – direcionando-se a uma mulher.

-“Eu não *tô* muito bem, não, porquê você não me seguiu no *Twitter*”- responde a mulher ao Tiago.

-“Ah meu Deus do Céu, vou até passar.” – brinca Tiago.

Anexo 1

Figura 1 – Estádio visto de cima.



Anexo 2

Figura 2 – Ônibus da Seleção Brasileira pelas ruas de Johannesburgo.



Anexo 3

Figura 3 – Torcedores brasileiros.



Anexo 4

Figura 4 – Desembarque dos jogadores no estádio.



Anexo 5

Figura 5 – Vestiário com as camisas dos jogadores da Seleção Brasileira.



Anexo 6

Figura 6 – A taça.



Anexo 7

Figura 7 – Jogadores no aquecimento.



Anexo 8

Figura 8 – Entrada oficial dos times Coreia do Norte e Brasil.



Anexo 9

Figura 9 – Estádio visto do alto.



Anexo 10

Figura 10 – Aproximação da imagem do estádio.



Anexo 11

Figura 11 – Jogadores em posição de respeito para execução do Hino Nacional Brasileiro.



Anexo 12

Figura 12 – Técnico da Seleção Brasileira, Dunga.



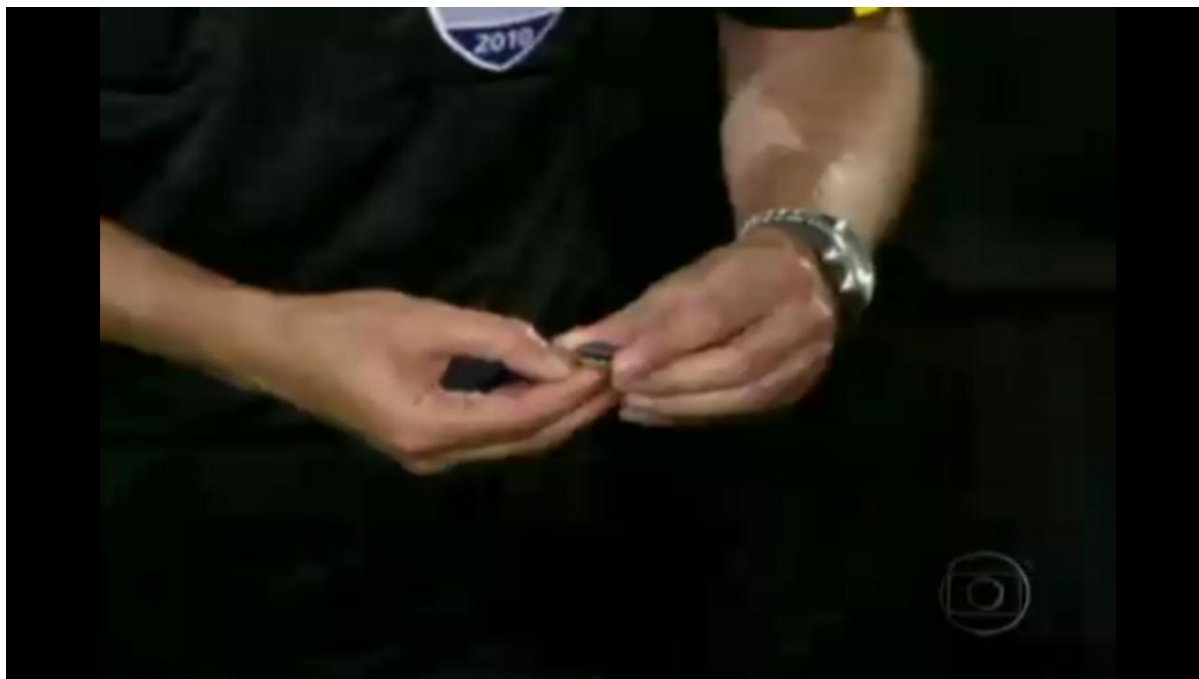
Anexo 13

Figura 13 – Imprensa e ao fundo, Dunga.



Anexo 14

Figura 14 – Sorteio feito pelo árbitro para início da partida.



Anexo 15

Figura 15 – Cumprimento dos jogadores no campo.



Anexo 16

Figura 16 – Início da partida.



Anexo 17

Figura 17 – Imagem de um torcedor como se estivesse comemorando.



Anexo 18

Figura 18 – Início do programa, com Tiago Leifert.



Anexo 19

Figura 19 – Tiago caminhando em meio à plateia.



Anexo 20

Figura 20 – Comentarista Caio Ribeiro e o apresentador Tiago Leifert.



Anexo 21

Figura 21 – Glenda com o jogador da Seleção Brasileira, Elano, direto do estádio onde ocorreu o jogo.



Anexo 22

Figura 22 – Praticável e degrau em forma de pentágono onde o comentarista e o apresentador ocasionalmente, sentam-se.



Anexo 23

Figura 23 – Mesa de acrílico, “laptotem”.



Anexo 24Figura 24 – Tela de 5m² sensível ao toque.

Anexo 25

Figura 25 – Plateia presente no set de gravação.



Anexo 26

Figura 26 – Uso de infografias, como tabelas.



Anexo 27

Figura 27 – Quadro “Fala Casão”.



Anexo 28

Figura 28 – Plateia com instrumentos musicais.



Anexo 29

Figura 29 – Imagem feita com a grua.



Anexo 30

Figura 30 – Sequência de imagens feita com a grua.



Anexo 31

Figura 31 – Sequência de imagem feita com a grua.



Anexo 32

Figura 32 – Enquadramento médio.



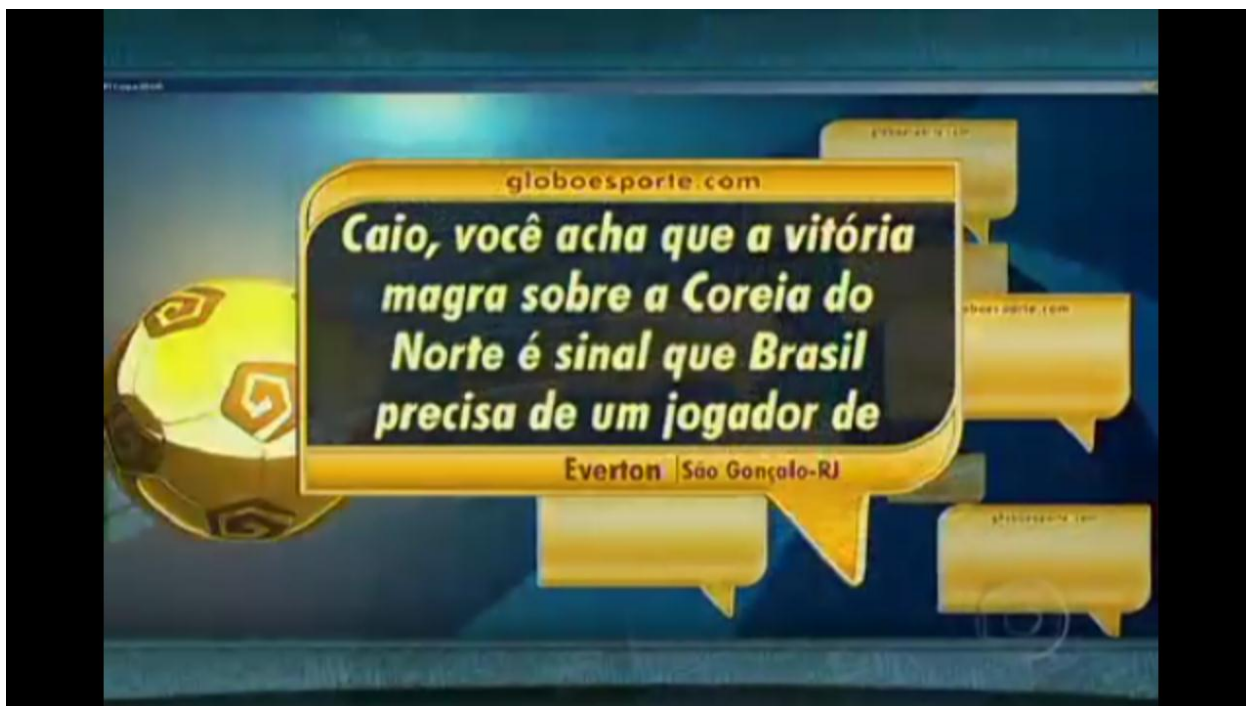
Anexo 33

Figura 33 – Espécie de “raio-x” do braço do jogador Drogba.



Anexo 34

Figura 34 – Comentário enviado por um telespectador através do *site* do Globo Esporte.



Anexo 35

DVD com a edição do dia 15 de junho referente ao *corpus* da análise.